

Os homens do thai-chi-chuan

Márcio Moreira Alves *

A equipe da Dra. Zélia era adepta de ginástica olímpica e aeróbica, além, é claro, de boleros bailados em festas registradas por cronistas sociais. Os dois líderes da nova equipe econômica, Márcio Marques Moreira e Francisco Gros, preferem os lentos gestos do Thai-Chi-Chuan aos pinotes, cambalhotas e acrobacias dos seus antecessores.

Os chineses dizem que a sua ginástica tem a intenção de sincronizar os homens à respiração do mundo, um equilíbrio entre forças binárias, positivas e negativas, *yin e yang*. Márcio acha que, em matéria de relações exteriores, estamos chegando a esse equilíbrio. Considera extremamente positiva a recém-terminada visita da delegação do Fundo Monetário Internacional. Ela tomou conhecimento das contas nacionais, que não são boas, mas também dos anteprojetos de reforma tributária e de redução dos gastos públicos que, em sendo aprovados no Congresso, formarão o tal do *ajuste fiscal* que vem sendo reclamado por gregos e troianos como forma de debelar a inflação. Espera poder fechar um acordo com o FMI ainda em outubro, após reunião da instituição que começará em Bangcoc. Esse acordo, que liberaria um crédito de 2 bilhões de dólares, abriria o caminho para a negociação das dívidas com os governos dos países industrializados, o chamado *Clube de Paris*.

O acordo com os bancos particulares sobre o principal da dívida — 52 bilhões de dólares — também estaria prestes a ser firmado. A delegação brasileira, chefiada pelo economista Pedro Malan e pelo diretor da área externa do Banco Central, Arminio Fraga, seguiu segunda-feira de volta a Nova York com uma resposta à proposta dos banqueiros de reduzir esse principal em 32,5%, em vez dos 37% propostos pelo governo. A expectativa, neste campo, é de nada se aceitar abaixo da redução conseguida pelo México, que foi de 35%. Segue válida a regra defendida pelo embaixador Jório Dauster de não se assinar nada que não possa ser cumprido.

A redução dos superávits da balança comercial, que ocorre há dois meses, não

parecia preocupar demasiadamente nem o ministro nem o presidente do Banco Central. Para eles, o importante seria o balanço financeiro, que compensaria a redução do superávit da balança comercial em virtude de um aumento considerável das entradas de capitais estrangeiros, da colocação de papéis da Vale do Rio Doce e da Petrobrás nos mercados financeiros e da diminuição de remessas de lucros. Esses indicadores são interpretados como sinal de uma maior confiança na economia brasileira no exterior.

Sobre o assunto, no entanto, a interpretação oficial otimista era contrariada pelos exportadores, tanto industriais como comerciantes, que apontavam para o balanço cambial negativo, e pediam uma desvalorização do cruzeiro. Os exportadores de calçados, por exemplo, que estão sendo empurrados para fora do mercado pelos chineses, reivindicavam não só isso, como tarifas aduaneiras menores para a importação de máquinas e de alguns insumos que facilitariam a colocação no exterior de sapatos de melhor qualidade, logo, de preço mais alto. Ganham a parada. Thai-chi-chuan não briga com os fatos.

Tanto Márcio como Gros têm recebido banqueiros e investidores interessados em aplicar no Brasil. Reconhecem que a confusão jurídica em torno da venda da Usiminas e as arruaças promovidas em frente à Bolsa de Valores do Rio prejudicaram a imagem da equipe no exterior. Confiam que os obstáculos serão superados antes do novo leilão, anunciado para o dia 15 de outubro. A suspensão do leilão poderá até ter sido positiva, na medida em que mobilizou apoios ao presidente do BNDES, Eduardo Modiano, presidente da Comissão de Privatização. Gros observa que o programa de privatização da Inglaterra era o programa da primeira-ministra Thatcher, que o da Espanha era de Felipe Gonzalez e o do Brasil era só do programa do Modiano. Passou a ser do governo todo, inclusive dos seus parlamentares, e também das associações empresariais, que o apoiavam sem divulgar esse apoio pelos meios de comunicação.

A visão sobre o *front* interno é mais negativa no Banco Central que no Mi-

nistério da Economia. Márcio atribui o pessimismo reinante especialmente aos consultores. Seriam eles os catastrofistas por excelência, que previram um agosto negro, que não veio, um setembro nigríssimo, que tampouco aconteceu, e anunciaram mágicas de choque, que não saíram da sua cartola. Para ele, a inflação tende a estagnar para, finalmente, começar a cair. Os juros continuarão a ser estabelecidos pelo mercado, mas pensa em maneiras de torná-los menos onerosos para os tomadores de empréstimos, possivelmente através de reduções de impostos sobre operações financeiras. Acha um absurdo que os bancos captem dinheiro a 20% e emprestem a 40% ao mês. Essa diferença influi, evidente, sobre os preços finais, acelerando a inflação.

Francisco Gros, por seu lado, não creu em um pacto contra a inflação, antes pelo contrário. Acha que todos os agentes financeiros, tanto os privados como os ministros, governadores e prefeitos não acreditam na profundidade do buraco em que o país está metido. Essa realidade talvez só lhes salte aos olhos se chegarmos a uma hiperinflação de verdade, do tipo das que aconteceram na Alemanha, na Áustria ou na Hungria. Um exemplo: o Ministério da Agricultura, reivindicou três trilhões para financiar a safra do ano que vem. Diminuiu o cálculo para um trilhão, o que representa 40% de todo o dinheiro nas mãos do público ou em depósitos à vista, coisa que os economistas chamam de *base monetária*. Um estouro dessas proporções na base monetária, assim de repente, seria um trampolim para a inflação ainda mais desenfreada.

O fio da navalha, segundo todos, está no andar das reformas propostas ao Congresso. Márcio e Gros têm conversado com os deputados economistas, leque que vai de Aluysio Mercadante, do PT, até Roberto Campos, na extrema-direita, passando por Delfim Netto, Francisco Dornelles, Cesar Maia e José Serra. Todos estão de acordo com a reforma dos impostos e apoiam um ajuste fiscal. Resta saber se a opinião dos técnicos será suficiente para angariar os votos das bancadas.